




CAPÍTULO 6

DOCÊNCIA E AFETO: CARTAS SOBRE PRÁTICAS DOCENTES NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.530182606016>

Maria Arleilma Ferreira de Sousa

Ana Cristina de Sales

Cicera Mônica Rodrigues da Silva

Dinajilas Gomes de Melo Santos

Raimunda Aurília Ferreira de Sousa

RESUMO: A docência é uma atividade social permeada pelas práticas dos/as profissionais que constituem o magistério. As práticas são diversas, desde a abordagem de conteúdos em sala até a relação afetiva com os sujeitos. Dito isso, esse estudo tem os seguintes objetivos: compreender a extensão da prática docente na vida do alunado; analisar a importância de uma prática docente sensível para a promoção de um relacionamento saudável entre professores/as e alunos/as; e identificar práticas docentes que inspiram e cativam os/as alunos/as, bem como práticas docentes que produzem trauma e castra sonhos entre os estudantes. A pesquisa é de natureza qualitativa, a metodologia se deu através de um estudo de caso, sendo a coleta do material realizada no primeiro semestre de 2024, com alunos/as do segundo e terceiro período dos cursos de licenciatura em Matemática e Física, do Instituto Federal do Ceará - IFCE, Campus Cedro. A finalidade da atividade foi discutir e problematizar a prática docente por intermédio da escrita de uma carta partindo do pressuposto reflexivo à pergunta: “que tipo de professor(a) eu quero ser”? A interpretação dos dados se deu mediante a análise de conteúdo de Bardin (2016). Como forma de análise foi selecionado duas categorias dentro da temática, sendo elas: prática docente inspiradora e prática docente castradora. Concluiu-se que a prática docente pode possibilitar no decorrer de seu processo uma educação

excludente ou uma educação libertadora, sendo necessário aos profissionais do ensino está em constante processo de formação e reflexão de sua prática.

PALAVRAS-CHAVE: Prática docente. Prática docente libertadora. Prática docente castradora. Educação emancipadora.

TEACHING AND AFFECTION: LETTERS ON TEACHING PRACTICES IN TEACHER TRAINING

ABSTRACT: Teaching is a social activity permeated by the practices of the professionals who make up the teaching profession. These practices are diverse, ranging from the approach to content in the classroom to the establishment of affective relationships with students. In this context, the present study aims to: understand the extent of teaching practice in students' lives; analyze the importance of a sensitive teaching practice in promoting healthy relationships between teachers and students; and identify teaching practices that inspire and engage students, as well as those that produce trauma and stifle students' dreams. The research adopts a qualitative approach, using a case study methodology. Data collection was conducted during the first semester of 2024 with students enrolled in the second and third semesters of the Mathematics and Physics teacher education programs at the Federal Institute of Ceará (IFCE), Cedro Campus. The purpose of the activity was to discuss and problematize teaching practice through the writing of a letter, based on a reflective assumption centered on the question: "What kind of teacher do I want to be?" Data interpretation was carried out through Bardin's (2016) content analysis. For analytical purposes, two categories were selected within the theme: inspiring teaching practice and oppressive (or inhibiting) teaching practice. The study concludes that teaching practice can, throughout its process, enable either an exclusionary education or a liberating education, highlighting the need for education professionals to engage in continuous training and ongoing reflection on their own practice.

KEYWORDS: Teaching practice. Liberating teaching practice. Oppressive teaching practice. Emancipatory education.

INTRODUÇÃO

Toda experiência de aprendizagem se inicia com uma experiência afetiva. É a fome que põe em funcionamento o aparelho pensador. Fome é afeto. O pensamento nasce do afeto, nasce da fome. Não confundir afeto com beijinhos e carinhos. Afeto, do latim "affetare", quer dizer "ir atrás". É o movimento da alma na busca do objeto de sua fome. É o Eros platônico, a fome que faz a alma voar em busca do fruto sonhado (Rubem Alves, "A Arte de produzir Fome", jornal Folha de São Paulo, 29\10\2002).

A experiência da docência é permeada por relações de afeto e partilha. O compartilhar saberes acadêmicos, científicos, pedagógicos, os saberes da vida. Não se experiencia o magistério sem conhecer o outro, vislumbrar seus projetos e sonhos. A busca do conhecimento é permeada de encontros, desencontros, afetos e em alguns momentos, desaletos, decepções e frustrações. Entretanto, como sinaliza Rubem Alves (2002), tudo se inicia com uma experiência afetiva.

A docência no Brasil foi durante muito tempo entendida como algo relacionado à uma vocação, à um chamado semelhante ao sacerdócio cristão, resquícios ainda herdados do modelo de educação missionária, vigente no passado colonial. A formação para o exercício da docência trilhou os mais diversos caminhos para se apresentar na atual configuração. O campo de formação de professores, seus saberes, práticas e valores são produzidos em meio a embates tanto para mantê-las quanto para transformá-las. A categoria profissional não é uniforme e está em constante processo de reinvenção, como nos alerta Vicentini e Lugli (2009, p. 19), “[...] é impossível contar a história dos professores, no Brasil, como se eles constituíssem uma categoria homogênea”.

Assim sendo, o contexto político, social e econômico que se vivencia no momento também é percebido de forma diferente pelos mais diversos sujeitos sociais que compõem o cenário educacional brasileiro. O processo de formação de professores parte da necessidade de formação permanente e diálogo com o contexto no qual está inserido. Somos sujeitos do nosso tempo, logo devemos direcionar nossa prática para as necessidades da sociedade vigente.

O trabalho que ora se apresenta partiu da necessidade de diálogo e reflexão nos cursos de formação de professores de Física e Matemática do Instituto Federal do Ceará (IFCE), campus Cedro. De natureza qualitativa, a coleta do material analisado se deu no primeiro semestre de 2024, com discentes do segundo e terceiro semestres dos cursos de licenciatura em Matemática e Física. A finalidade da atividade foi discutir e problematizar a prática docente partindo do pressuposto reflexivo à pergunta: “que tipo de professor\la eu quero ser”? A partir desse questionamento, os\as estudantes foram instigados a rememorar suas relações com professores\as que lhes marcaram positivamente ou negativamente, e, escrever a esses profissionais uma carta de agradecimento ou desabafo, sobre algo que lhe marcou. Para manter sigilo referente às identidades dos\as participantes, utilizamos códigos de letras e números de identificação para os\as alunos\as, sendo “A1F” para “aluno\la 1 de Física” e “A1M” para “aluno\la 1 de Matemática” e, assim sucessivamente.

O estudo tem como objetivo compreender a extensão da prática docente na vida do alunado; analisar a importância de uma prática docente sensível para a promoção de um relacionamento saudável entre professores\as e alunos\as; e

identificar práticas docentes que inspiram e cativam os/as alunos/as, bem como práticas docentes que produzem trauma e castra sonhos entre os/as estudantes.

A interpretação dos dados se deu mediante a análise de conteúdo de Bardin (2016), onde a autora entende que o processo de análise de conteúdo se dá em três etapas: pré-análise, exploração do material e interpretação dos resultados que serão seguidos ao longo do processo. Como forma de análise foi selecionado duas categorias dentro da temática, sendo elas: prática docente inspiradora e prática docente castradora.

Compreendemos que a docência envolve dimensões que estão além da ministração de aulas, de repasse de conteúdos sistematizados, devemos reconhecer seu papel no processo de transformação da sociedade e de sua função política, sendo possível auxiliar os/as alunos/as no desenvolvimento do conhecimento crítico e emancipador. Outrossim, para além das dimensões políticas e sociais, destaca-se também as dimensões afetivas possibilitadas pela prática docente, o relacionamento entre professor/a e aluno/a perpassa as instâncias institucionais e burocráticas, a troca de conhecimentos e experiências é inevitável, sempre fica um pouco de si em cada ser que formamos, e vice-versa (Cardoso; Farias, 2020).

Dessa forma, o texto apresenta a seguinte configuração: essa introdução onde apresentamos o esboço da pesquisa, uma seção referente à prática docente inspiradora, outra seção sobre o que denominamos de prática docente castradora e as considerações finais.

PROFESSORES/AS QUE FORMAM: PRÁTICAS DOCENTES INSPIRADORAS

A educação se constitui pelo processo de humanização e emancipação, sendo as instituições de ensino o espaço ideal para o desenvolvimento de suas habilidades voltadas para a ciência, arte, filosofia, moral, e nas mais diversas áreas do saber que lhe possibilite o desenvolvimento do conhecimento (Libâneo; Santos; Marques, 2023). A prática do/a professor/a reflete suas peculiaridades pessoais, afetivas, seu lugar de formação, seu lugar de trabalho, as relações construídas e desconstruídas ao longo do tempo. Dessa forma, o conceito de prática docente é complexo, possuindo múltiplas faces, pois envolve um conjunto de fatores para além da sala de aula, tais como o contexto histórico, social, cultural, institucional e pessoal. Assim, envolve dimensões objetivas e subjetivas que povoam o cotidiano do exercício do magistério.

As “práticas docentes” são históricas, culturais e sociais e correspondem, em grande medida, à atuação das/dos professoras/es nos cenários sociais contemporâneos segundo o investimento estratégico que uma sociedade faz para criar e transmitir o capital cultural que resulta ser mais significativo. [...] trata-se de uma cadeia de ações institucionalizadas em um modelo econômico-político específico, passível

de condicionar a formação de sujeitos em todos os níveis educacionais (Pereira; Gamez; Correa, 2024, p. 10).

A escola se coloca não apenas como ambiente de trabalho, de construção de conhecimento, de receptores de ações isoladas, mas como uma construção cultural em que os profissionais da educação aplicam suas habilidades, energias, projetam seus sonhos e interesses visando uma atuação educacional. Assim, o trabalho docente está atrelado ao desenvolvimento de saberes referente aos conteúdos escolares, ao desenvolvimento crítico e emancipação do\o estudante.

A escrita produzida pelos alunos\as que rememoram sua trajetória formativa, destacando professores\as que lhes marcaram de alguma forma, destacam-se as práticas pedagógicas que inspiram. Profissionais que através de seu trabalho docente conseguiram estabelecer laços de afeto, construindo em seu alunado sentimentos de estima e gratidão:

Prezado professor.

Espero que o senhor esteja bem.

Venho por meio desta carta expressar os meus mais sinceros sentimentos de gratidão. Não sei se ainda lembra de mim, pois já faz quase uma década desde que nos vemos pela última vez. Quero agradecer por tudo que fez por mim. O senhor foi muito importante para o meu desenvolvimento, tanto acadêmico, quanto pessoal, isso é graças a sua forma descontraída e dedicada em sala de aula, *caso algum dia eu exerça à docência, eu quero ser um professor como você* (A1F, grifo nosso).

De acordo com o trecho da carta acima, o professor se tornou referência profissional para o aluno em processo de formação inicial, ainda quando este estudava na Educação Básica, destacando que: “eu quero ser um professor como você”. Nesse horizonte, Pimenta; Lima (2010), destaca que ao longo de nossa trajetória formativa conhecemos professores\as que exercem uma prática docente que nos influenciam positivamente, outros, porém, exercem um trabalho que acabam deixando marcas negativas em nossa formação.

Assim, o exercício do magistério de nossos/as professores\as acaba contribuindo de forma positiva ou negativa para a nossa futura prática docente. O professor cuja carta está endereçada, deixou marcas positivas em seu aluno em sua fase infanto-juvenil, certamente o docente apenas realizava seu trabalho sem necessariamente perceber que a rotina de suas ações se expandir de forma tão decisiva na vida desse aluno. Porém, o seu fazer docente contribuiu com o desenvolvimento e o processo de emancipação desse estudante, lhe inspirando para o exercício de sua futura prática docente.

A prática docente exige que o professor\o tenha consciência que “[...] ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção” (Freire, 2022, p. 47). Assim, outra carta que destacamos neste

estudo, é endereçada a um professor que cativou em sua aluna, ainda quando esta estudava os primeiros anos do ensino fundamental, sentimentos de admiração e respeito. De acordo com as memórias afetivas da aluna, o professor exercia uma prática docente que valorizava dimensões para além de notas escolares e avaliações desconexas com a realidade:

Querido professor,

*Você nos mostrou que o verdadeiro sucesso não se resume apenas às notas ou conquistas acadêmicas, mas sim à nossa capacidade de fazer a diferença no mundo e contribuir positivamente para a sociedade. E em meio a tudo isso era óbvio que tinha que ser você a pessoa que iria me acompanhar do primeiro rabisco até o “bê-à-bá”, quem acompanhou todos os meus passos e quem sempre se fez presente, mesmo distante. **Você foi essencial e importante em cada etapa, você não apenas me preparou para o futuro acadêmico e profissional, mas também moldou quem eu sou como pessoa** (A2F, grifo nosso).*

A prática docente do professor lhe deixou marcas positivas em toda sua trajetória educacional, dos primeiros anos da infância, aos dias atuais em processo de formação inicial no curso de licenciatura em Física: “Você foi essencial e importante em cada etapa, você não apenas me preparou para o futuro acadêmico e profissional, mas também moldou quem eu sou como pessoa”. A influência do professor perpassou as dimensões da docência, se estendendo também para os princípios humanos.

Outra carta que gostaríamos de ressaltar trata sobre o sentimento de admiração, bem como a influência exercida pela professora na vida dessa aluna, que hoje faz um curso de licenciatura inspirada no contato que teve com esta, ainda na sua fase infanto-juvenil. Em fase inicial do curso de licenciatura em Física, a aluna destaca as qualidades que a fizeram admirar e respeitar a professora:

Professora,

Bom, primeiro gostaria de ressaltar o quanto você nasceu para ser professora. Você tinha um dom admirável e uma paciência que quase todos os professores não tiveram com a minha sala (...) hoje curso uma faculdade de licenciatura e você foi uma das minhas inspirações (A3F, grifo nosso).

A narrativa da aluna é carregada de estereótipos referente às características tidas como essenciais, para o exercício da docência: “gostaria de ressaltar o quanto você nasceu para ser professora”. Esse pensamento referente a prática da docência como uma vocação, “você nasceu para isso”, “tem o dom para aquilo”, se remete a um discurso que direciona o trabalho no magistério como algo relacionado à uma prática sacralizada, remete-se ao sacerdócio católico e lembra à educação do período colonial, como já citado anteriormente.

Outro trecho emblemático da carta se refere à docência como dom e paciência: “Você tinha um dom admirável e uma paciência”. Esses termos acabam romantizando a falta de estrutura e condições dignas para o exercício do trabalho docente, bem

como os constantes casos de indisciplina, desrespeito de aluno\sa e violência sofrida pelos profissionais do magistério como algo relacionado a ter ou não ter paciência. O caminho não deve ser esse, os profissionais da educação necessitam de condições adequadas para o exercício de seu trabalho. Nóvoa (2017), destaca que precisamos compreender que a docência é uma profissão como qualquer outra, entretanto, necessitamos reivindicar esse lugar da profissão ao longo do processo de nossa profissionalização. Assim, para sermos professores\as não precisamos ter dom, vocação ou paciência, necessitamos de formação.

Uma carta endereçada a outro professor aborda a influência de sua prática para a escolha da profissão, assim como a paixão pela Matemática. No trecho destacado, o aluno agradece ao professor por este lhe ensinar a pensar, lhe ensinar a importância do ato de estudar e lhe dar notícias sobre sua atual condição, estudante do curso de licenciatura em Matemática, que está se saindo bem e tendo bons resultados. O aluno destaca que todo esse momento que está vivendo se deve às influências do seu professor de matemática que conheceu em sua fase infanto-juvenil.

Caro professor,

Por meio desta carta, espero que se encontre em um ótimo dia. Venho lhe presentear de forma simples e humilde, com um agradecimento repleto de alegria e ótimas notícias sobre o importante impacto da sua prática docente em minha vida. (...) agradeço por me mostrar a importância do estudo pra vida, te agradeço por me mostrar a beleza que a matemática pode ter, te agradeço por me ensinar a pensar. (...) Te agradeço, pois (...) estou me entusiasmando com a matemática e produzindo bem, isso decorre, penso eu, por conta de suas influências (A1M, grifo nosso).

Precisamos de um conjunto de saberes para o exercício da prática educativa. Assim, ao longo do nosso processo formativo e das experiências vivenciadas com nossa prática docente, necessitamos compreender que ensinar exige respeito aos nossos educandos, aos seus saberes, suas experiências, além de darmos autonomia aos nossos alunos, como expresso no pensamento de Freire (2022, p. 58), “[...] o respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros”. Dessa forma, compreendemos que as cartas endereçadas aos professores\as em sinal de respeito, carinho e admiração, dialoga com um perfil profissional docente que ao longo do exercício de sua prática possibilitou a formação e emancipação de seus alunos\as. Em seu fazer docente, tais profissionais deixaram marcas positivas em seus estudantes, lhes inspiraram a seguir à docência, a ter gosto pelos estudos e a serem referências profissionais.

PROFESSORES/AS QUE TRAUMATIZAM: PRÁTICAS DOCENTES CASTRADORAS

A prática escolar tradicional se legitima na compreensão de que educação e respeito é algo imposto, e não conquistado. Dessa forma, alguns profissionais do ensino ainda carregam em seu fazer docente uma prática pedagógica que oprime, seleciona, classifica e desqualifica seus estudantes. Assim, se impõem uma pedagogia do medo, gerando traumas entre seus aprendentes. Esse modelo de ensino, embora obsoleto, ainda é adotado por alguns professores\as que justificam suas ações culpabilizando o desinteresse, indisciplina ou ineficiência de aprendizagem dos\as alunos\as.

Entre as cartas endereçadas aos professores que marcaram os\as estudantes de alguma forma, uma nos chamou atenção pela gravidade e violência do caso. A carta foi escrita por um aluno do curso de matemática que a endereçou a um professor que lhe marcou negativamente na infância, lhe deixando traumas. A ação desse docente, além de perversa se configura como crime de racismo:

Caro professor,

Escrevo esta carta com grande respeito, mas também com sinceridade. Sinto-me na obrigação de compartilhar minha sincera preocupação em relação à dinâmica que o senhor adotou em meus tempos de escola. (...) *o que o senhor fez marcou profundamente a minha vida, não é fácil para uma criança de 9 anos ouvir de um professor que ele nunca será nada na vida apenas por ser negro* (A2M, grifo nosso).

O trauma vivenciado por esse aluno na infância lhe acompanhou e lhe atormentou: “não é fácil para uma criança de 9 anos ouvir de um professor que ele nunca será nada na vida apenas por ser negro”. Para sermos professores\as é necessário compreendermos que trabalhamos com pessoas, com o sensível, com a subjetividade individual de cada ser. Nesses termos é preciso bom senso e rejeitarmos todo e qualquer tipo de discriminação e preconceito. A afirmação feita nas linhas anteriores encontra respaldo nas reflexões de Paulo Freire, onde o autor disserta que “[...] a prática preconceituosa de raça, de classe, de gênero ofende a substantividade do ser humano e nega radicalmente a democracia” (Freire, 2022, p. 37).

Assim, a violência cometida contra a raça, a identidade de gênero ou classe deve ser punida de acordo com a lei. A violência de raça sofrida por esse aluno não foi penalizada, o crime cometido não foi sequer registrado. Todavia, deixaram marcas negativas, feridas que corroem a alma e castra sonhos.

Outra carta que nos chamou atenção versa sobre uma prática docente autoritária. A aluna, vinculada ao curso de licenciatura em Física, escreve a um professor de Biologia que lhe marcou negativamente. Nos dizeres da narrativa o professor se vangloriava por trabalhar com avaliações excludentes e deixar a turma inteira

reprovada. A “didática” adotada pelo professor lhe causava medo, não conseguia aprender por mais que se esforçasse, acabou reprovando o ano. Astuta, a aluna descobriu que o professor usava sempre os mesmos trabalhos e as mesmas provas ao longo de anos, como podemos analisar no trecho destacado abaixo:

Caro professor,

Acredito que o senhor lembra que fui sua aluna, porém possivelmente não saiba o quanto me marcou negativamente. Reprovei a disciplina de Biologia no primeiro ano do ensino médio, atrelo que isso tenha ocorrido, em parte, por culpa da sua forma pouco didática de avaliar e tratar seus alunos. Afinal, sua disciplina gerava reprovação em massa. Seu jeito soberbo e autoritário me dava medo. Eu achava que era impossível conseguir tirar boas notas em suas provas e trabalhos de tanto você aterrorizar. (...) quando repeti a disciplina, descobri que você sempre passava as mesmas provas e trabalhos todos os anos e tirava tudo de um livro que tinha na biblioteca (A4F, grifo nosso).

A narrativa da aluna coloca em evidência um conjunto de fatores, tais como: o sistema de avaliação, o exercício de uma prática docente excludente e castradora, a falta de reflexão docente sobre sua prática pedagógica. A literatura que versa sobre avaliação define três modalidades, a saber: diagnóstica, formativa e somativa. Compreendemos que a avaliação é uma atividade didática necessária para o acompanhamento da aprendizagem do\o aluno\o. Veiga (2012), destaca que em uma sociedade opressora e desigual, a avaliação da aprendizagem dos estudantes seguirá o mesmo percurso, sendo esta excludente e classificatória.

Por outro lado, Luckesi (2011) defende a aplicabilidade de um modelo de avaliação educacional que supere o autoritarismo e enfatiza a autonomia e emancipação do\o aluno\o. O autor destaca nesse sentido, uma avaliação como um ato amoroso enfatizando uma prática docente afetiva. O modelo de avaliação adotado pelo professor de endereçamento da carta se caracteriza pela somatização de atividades e provas. Essa prática docente arbitrária e autoritária deve ser combatida em nosso cenário educacional.

O trabalho no magistério não é uma atividade isolada, está ligada aos pressupostos teóricos do momento histórico, político, social e econômico. A prática docente dialoga com a visão de mundo do profissional, com sua formação, suas experiências, sua subjetividade. O ensino é uma prática social, para o exercício da docência sendo necessário um processo contínuo de formação, bem como a reflexão crítica da sua prática, como bem coloca Paulo Freire, “[...] na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática” (Freire, 2022, p. 40).

Possivelmente esse professor que exerceu uma prática docente castradora na vida estudantil dessa aluna, não tenha dimensão dos males causados. Talvez nunca

tenha refletido sobre o exercício de sua prática docente: “você sempre passava as mesmas provas e trabalhos todos os anos e tirava tudo de um livro que tinha na biblioteca”, se observa pelo fato de sempre usar as mesmas metodologias, provas e trabalhos ao longo de anos. A prática docente desse profissional já estava saturada, não se planejava, não se fazia nada de novo, tudo era repetido cotidianamente, ameaças, provas e trabalhos excludentes.

Assim, corroborando com o pensamento de Luckesi (2011) e Freire (2022), compreendemos que o exercício da docência deve levar em consideração os saberes dos estudantes, suas experiências e subjetividades. O objetivo máximo dos/as professores/as deve ser possibilitar o desenvolvimento da autonomia, conhecimento e emancipação dos/as estudantes, pois assim, construiremos um modelo de educação libertadora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho buscou compreender a extensão da prática docente na vida do alunado, analisando a importância de uma prática docente sensível para a promoção de um relacionamento saudável entre professores/as e alunos/as e identificando práticas docentes que inspiram e cativam os/as alunos/as, bem como práticas docentes que produzem trauma e castra sonhos entre os estudantes. Nas cartas selecionadas para análise destacamos dois modelos de prática docente: inspiradora e castradora. Arroyo (2014) aborda em seu estudo que ser professor/a no contexto histórico atual, requer a compreensão que a escola se encontra permeada dos mais diversos Sujeitos, dessa forma, o trabalho que devemos exercer com esses Outros Sujeitos, requer a adoção de Outras Pedagogias que possibilitem uma educação emancipadora.

No estudo que realizamos todas as cartas produzidas pelos/as alunos/as das licenciaturas de Física e Matemática, foram endereçadas aos professores/as que fizeram parte da vida estudantil desses estudantes na época em que estes cursaram a Educação Básica. A indagação inicial da problemática da pesquisa: que tipo de professor/a eu quero ser? Foi essencial para estabelecer o debate, a reflexão crítica sobre o entendimento da docência e das teias de alcance que nossas ações em sala de aula podem atingir, seja através de memórias positivas ou negativas.

Assim, concluiu-se que para o desenvolvimento do exercício da docência de forma plena, requer estarmos em constante processo de formação e reflexão de nossa prática. O tipo de ensino que apresentamos em nosso fazer profissional dialoga com o tipo de sociedade que esperamos construir, dessa forma, é necessário sempre revisitar os ideais de Freire (2022) sobre a perspectiva de uma prática docente que possibilite a construção da autonomia e emancipação dos/as estudantes. Sendo

assim, devemos questionar o tipo de prática profissional docente que estamos adotando em nosso cotidiano. Estamos exercendo um trabalho inspirador? Ou castrador? Que tipo de professor\va, você está sendo?

REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. **A arte de produzir fome**. São Paulo: Jornal Folha de São Paulo, 29/10/2002.

ARROYO, Miguel G. **Outros Sujeitos. Outras Pedagogias**. Petrópolis: Vozes, 2014.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Ed. 70, 2016.

CARDOSO, Nilson de Souza; FARIAS, Isabel Maria Sabino de. **Qual o conceito de docência? Entre resistências e investigações**. Revista da ANFOPE. v.2, n.4, 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 72ª. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.

LIBÂNEO, José Carlos; SANTOS, Fabiano Antonio dos; MARQUES, Hellen Jaqueline. **Finalidades educativas da escola e formação de professores no Brasil: uma análise crítica da resolução CNE\CP N. 2\2019**. Revista Educação Temática Digital, Campinas, v. 25, 2023.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da Aprendizagem Escolar: Estudos e Proposições**. São Paulo: Cortez, 2011.

NÓVOA, António. **Firmar a posição como professor, afirmar a profissão docente**. Cadernos de Pesquisa, v. 47, n. 166, p. 1106–1133, out. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/WYkPDBFzMzrvnbsbYjmvCbd/?lang=pt#>. Acesso em: 20 mar. 2025.

PEREIRA, Júlio Emílio Diniz; GAMEZ, Ingrid Lorena Torres; CORREA, Regina Aparecida. **Diferentes abordagens teóricas sobre o conceito de “práticas docentes”: primeiras aproximações**. Revista Cadernos de Educação | Pelotas, n.68, 2024.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e docência**. 6ª ed. São Paulo: Cortez, 2010.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. **Ensino e Avaliação: uma relação intrínseca à organização do trabalho pedagógico**. IN: VEIGA, Ilma Passos Alencastro (org.). **Didática: O Ensino e suas Relações**. Campinas, SP: Papirus, 2012.

VICENTINI, Paula Perin; LUGLI, Rosário Genta. **História da profissão docente no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2009.